

POESIA E ORALIDADE NA OBRA DE ADÉLIA PRADO

Rita Olivieri

Prof. Adjunto do Dep. de Letras e Artes

Doutora em Teoria Literária e Literatura Comparada pela USP

RESUMO — *Este artigo tem o objetivo de discutir a lógica da construção da linguagem poética de Adélia Prado, a maneira como a autora trabalha o intervalo entre o real e a linguagem. O discurso poético adiliano alimenta-se da realidade quotidiana, instaurando uma tensão entre o prosaico e o poético, através do seu peculiar modo de recriar a linguagem popular. Nosso trabalho evidencia as múltiplas intersecções entre linguagem poética e oralidade.*

ABSTRACT — *This paper aims to discuss the reasoning of Adélia Prado's political language, the way she realizes the real and the gap which exists between it and language. Adélia's poetical speech is nourished by daily reality, revealing the tension between prose and poetry by means of her particular way of recreating a popular language. The paper shows the diversity of intersections between poetical language and oral one.*

Para os poetas modernos, repensar o mundo é repensar a linguagem, daí a tendência a inserir, no próprio corpo do poema, a reflexão sobre sua matéria-prima. As opções do poeta, no que concerne à organização formal do seu discurso, traduzem sua maneira de se relacionar com o mundo. No caso de Adélia Prado, um dos nomes mais importantes da poesia brasileira contemporânea, o fator que fundamenta a estrutura organizacional de sua poesia é a ambigüidade do símbolo poético, simultaneamente transcendente e imanente. A aproximação desses planos faz com que a escolha estilística de Adélia Prado recaia sobre uma linguagem que alia a simplicidade dos acontecimentos do quotidiano à gravidade da reflexão sobre o sentido da existência.

A obra de Adélia Prado inscreve-se na trilha traçada pela poesia modernista brasileira que, ao se voltar para a multiplicidade da realidade quotidiana, incorpora o recurso estilístico do estilo mesclado. Mas em Adélia Prado, o estilo mesclado não é apenas uma categoria estilística, ele se reveste de uma ética cristã, de um desejo de unir o terrestre ao sagrado, sem que isso signifique, contudo, que a realidade seja tomada como uma simples mediação para a transcendência. Adélia Prado debruça-se sobre o vivido, transformando-o em matéria poética. Sua poesia desentranhada do quotidiano, centrada nas miudezas do dia-a-dia, extrapola os limites do seu espaço mineiro, abrindo-o para o mundo.

Alimentada pela cultura popular, a obra de Adélia Prado recupera o discurso oral, explorando suas potencialidades: *Raimunda Lázara de Jesus—Itaguara/esta uma vez pegando um trem, disse assim: /'o Mazzaropi dá muita*

graça pra nós / arrio dele demais' ('Tarja' / *Bagagem*). O processo de apropriação do discurso oral marcado pelo sotaque mineiro renova e dinamiza a expressão poética. A poesia adeliiana realiza a paródia do registro lingüístico popular e desse modo fortalece o impacto estético da sua própria linguagem. O estilo mesclado, adotado pela autora, reflete a ânsia de perseguir o alargamento do potencial da linguagem poética.

Adélia Prado aproxima o discurso poético do prosaico, diluindo as fronteiras entre prosa e verso, introduzindo nos seus poemas os múltiplos elementos da linguagem falada: discursos diretos, conversação, interjeições, chaves, imitação da sintaxe característica da fala popular assim como dos vocábulos e provérbios que lhe são próprios, enfim, uma verdadeira colagem verbal que registra a variedade das falas: *Quem está vivo diz: hoje às três horas padre Libério dá a bênção na Vila Vicentina. Ou assim: coisa boa é um banho. Ou ainda: casamento é coisa muito fina.* ('Os acontecimentos e os dizeres' / *Bagagem*). O modo de organização da linguagem rompe com a lógica linear, introduzindo a descontinuidade ao nível da métrica, da cadência rítmica e, evidentemente, do sentido. A linguagem adeliiana quer ser natural, na sua imitação do discurso prosaico; acima de tudo ela quer abarcar a heterogeneidade do real.

- 1 Desde toda vida
- 2 descompreendi inteligentemente
- 3 o xadrez, o baralho,
- 4 os bordados nas toalhas de mesa.
- 5 O que é isto? eu dizia
- 6 como quem se ajeita pra melhor fruir.
- 7 Fruir o quê? Eu sei. A mensagem secreta,
- 8 o inefável sentido de existir.
- 9 Tia Clotilde está desesperada:
- 10 'para a minha família Deus não olha'.
- 11 Meu amor, quando tira o dia pra chorar,
- 12 não quer saber de mim, até que fala:
- 13 'abri a porta da rua, achei três bilhas azuis,
- 14 como um recado de alegria'.
- 15 É sonho, eu sei,
- 16 mas nesse dia ele não chora mais.
- 17 Se a senhora quiser, depois do almoço,
- 18 vamos no ribeirão buscar argila,
- 19 areia fina pra arear as panelas.
- 20 Olha o céu que se estende sobre nós,
- 21 seu manto cor de anil,
- 22 sua capa de veludo negro
- 23 cravejado de estrelas.
- 24 A flor-de-maio, a cravina,

25 viçam na terra estercada
 26 sobre Totônio bebe,
 27 Válder não pára no emprego,
 28 Noêmia quer casar mas não tem sorte.
 29 Tua dor de cabeça tem origem psíquica;
 30 tantos comprimidos à mão,
 31 nenhum para o esquecido calor entre as pernas,
 32 ai, papai, me deixa namorar,
 33 tem duas borboletas voando agarradinhas!
 34 Meu corpo de velha quer salmodiar.
 35 Quer ter um menino e tece,
 36 faz tachos de doce e borda,
 37 tapa com buchas de pano
 38 as frestas da janela e canta
 39 em meio a tanta dor.
 40 Tendo orvalhado tudo,
 41 a madrugada orvalhou a pimenteira,
 42 cuja flor estremeces ó minha pobre tia.
 43 Deus mastiga com dor a nossa carne dura,
 44 mas nem por chorar estamos abandonados.
 45 A água do regador alçado sobre as couves
 46 alvoraça os insetos.
 47 A larva na hortaliça nos distrai.
 48 Não inventamos nada.
 49 O ponto de cruz é iluminação do Espírito;
 50 o rei, a dama, o valete, são sérios farandoleiros.
 51 Se nos mastiga com dor,
 52 é por amor que nos come.
 53 Vamos rezar as matinas.

(‘A fala das coisas’/ *O coração disparado*)

O poema alterna o monólogo do eu-lírico, preocupado com o sentido da existência (v. de 1 a 8) com o registro de fragmentos de conversas de personagens diversos (v. de 9 a 19). O discurso poético abrange a dimensão subjetiva do eu-lírico e ao mesmo tempo se volta para os dados da realidade exterior, esforçando-se por captá-los diretamente, para que eles apareçam em toda a sua naturalidade. O recurso ao discurso direto, respeitando (v. 10; 13; 14) ou não (v. 17; 18; 19) as convenções da transcrição, dão ênfase ao objetivismo descritivo que tenta flagrar o real tal qual ele se apresenta, como se fosse possível preservá-lo dos artifícios da linguagem poética. Adélia Prado procura imprimir à sua linguagem uma aparência de espontaneidade, procedendo de modo a fazer com que o seu discurso pareça prescindir de uma organização artística, guiada

pela vontade de captar a essência das coisas sem a mediação da linguagem: 'A fala das coisas' é o título do poema. Esse desejo de uma linguagem natural, espontânea, aparece em vários outros poemas.

Adélia Prado despreza a utilização tradicional dos recursos técnicos da poesia e se aproxima do prosaísmo como forma de expressão privilegiada. Mesmo quando o eu-lírico expressa sua subjetividade (v. de 1 a 8) nota-se a tendência à prosa, tensionada pelo alinhamento paralelístico dos versos: *Desde toda vida / descompreendi inteligentemente / o xadrez, o baralho, / os bordados nas toalhas de mesa. / O que é isto? eu dizia / como quem se ajeita para melhor fruir. / Fruir o quê? Eu sei. A mensagem secreta, o inefável sentido de existir.* O verso 9 (*Tia Clotilde está desesperada*) quebra o tom confessional e introduz uma série de registros orais (v. de 9 a 19) interrompidos pelo discurso do eu-lírico centrado na observação da natureza (v. de 20 a 25). Os versos 26, 27 e 28 retomam o registro oral cujo sujeito do enunciado corresponde a uma espécie de fala da coletividade, marcada pelas expressões coloquiais e pelo lugar comum: *sobre Totônio bebe, / Válder não pára no emprego, / Noêmia quer casar mas não tem sorte.* A partir do verso 29, essa voz coletiva confunde-se com a voz lírica que, de maneira gradativa, vai retomando o discurso, restabelecendo o tom confessional e reflexivo até o final. Essa alternância brusca de tons, de sujeito do enunciado, de cenas 'realistas' que se contrapõem ao discurso lírico, em toda a extensão de um longo poema, evidencia a heterogeneidade das coisas representadas, rompendo com a estrutura de pensamento linear e instaurando a descontinuidade lógica. Essa impressão é reforçada: pela cadência rítmica irregular, com cortes que nem sempre coincidem com o sentido; pela quebra da métrica tradicional, dando preferência aos versos polimétricos e livres; pela ausência de rimas, ou pela sua presença casual.

A técnica de composição poética de Adélia Prado organiza-se em torno desses procedimentos identificados em 'A fala das coisas'. Sendo uma tentativa de articulação do imanente ao transcendente, sua poesia conduz a um modo de articulação da linguagem que favorece a aproximação entre o prosaico e o poético. Justifica-se assim, a alternância entre um tom lírico — em que as relações entre a sonoridade, o ritmo e as imagens expressam uma visão subjetiva do eu-lírico — e um tom narrativo que abarca as cenas do cotidiano.

A matéria poética de Adélia Prado nutre-se da riqueza da cultura popular: *O cheiro do povo espiritado, / isso eu entendo sem desatino* ('Tabaréu' / *Baga-gem*). A imitação do discurso coloquial aproxima sua poesia do prosaico e o verso livre torna-se o recurso fundamental da composição poética: *Na fila da comunhão percebo à minha frente uma velha / a mulher que há muitos anos crucificou minha vida, / por causa de quem meu marido se ajoelhou em soluços diante de mim* ('Canto eucarístico' / *O coração disparado*). Os elementos do léxico e também da sintaxe (*por causa de quem*) da linguagem falada popular são absorvidos pelo discurso poético.

Na poesia de Adélia Prado, a visão ampliada da realidade fundamenta o

alargamento da linguagem poética que incorpora os diversos níveis de expressão popular: cantiga (*Ai cigana, ciganinha, / ciganinha meu amor*) 'A cantiga' / *Baga-gem*; folclore (*Chuva choveu, goteira pingou / pergunta o papudo se o papo molhou*) 'Morte morreu' / *O pelicano*; frases feitas (*Com o perdão da palavra, quero cair na vida*) 'O alfabeto no parque' / *Terra de Santa Cruz*. A autenticidade da linguagem popular contrasta com a falsidade e a artificialidade da linguagem dos representantes do poder, ironizada pela poeta: *As autoridades têm olheiras / e estudada voz para os comunicados: garantiremos a melhor solução para as partes. / Quais partes? as pudendas? / Destas Deus já cuidou recobrando de pêlos. (...) Minha piscina não é de lazer disse o papa* ('O falsete' / *Terra de Santa Cruz*). Adélia Prado volta-se para a religiosidade popular, agregando suas diversas manifestações — rezas, novenas, festas — as quais, pelo caráter espontâneo e popular que possuem, integram aspectos do folclore e da cultura popular brasileira. A simplicidade e a criatividade da expressão popular, apreendidas pelo discurso poético adeliانو, funcionam como uma fonte inesgotável de elementos inspiradores do caráter de imprevisibilidade e, por conseguinte, de novidade, que Adélia consegue imprimir à sua poesia: *Santo Agostinho, / procuraí para mim a carteira perdida, / vós que estais desafiado, / gozando junto de Deus a recompensa dos justos*. ('Responsório' / *O pelicano*).

A aparente espontaneidade do estilo adeliانو é na verdade uma espontaneidade fabricada. A interpenetração intencional dos planos lírico, narrativo e até dramático, num esforço para captar a multiplicidade do real, suprime as barreiras que separam os objetos, fazendo emergir uma visão caótica do mundo. Porém, sob esta aparente desorganização, existe uma ordem misteriosa das coisas, que o conhecimento humano racional está impossibilitado de perceber, mas que a dimensão simbólica do poema não se cansa de apontar. Pela experiência poética, procura-se resgatar a unidade essencial das coisas. A palavra poética confere unidade ao mundo, sacraliza os seres e os fenômenos, segundo uma ótica inspirada pela mística franciscana, que recusa a hierarquização das "criaturas". Esse é o ponto de vista que embasa o recurso estilístico da mescla dos estilos e da colagem verbal que aproximam elementos diversos sem ligação explícita entre si.

A opção por um estilo simples, anti-retórico, também contribui para a impressão de espontaneidade. A linguagem de Adélia Prado funda-se na sua vivência do cotidiano e explora os meios expressivos da cultura popular, buscando extrair a poesia das coisas simples, uma das linhas que articulam sua obra com a herança modernista. A aproximação do poético ao prosaico, agregando inclusive formas não letradas da linguagem popular, concorre para um modo inusitado de organização do sentido da frase. A sintaxe poética adeliانا imita, em alguns momentos, as construções incomuns e os procedimentos de sintaxe utilizados por Guimarães Rosa: *quando clareia e refresca, abre sol, chove, / conforme necessidade. Às vezes dá até de escurecer de repente / com trovoadas e raio. Não desaprota nunca* ('Tabaréu' / *Bagagem*).

O tom prosaico e narrativo alterna com o lirismo confidencial, marcado pela presença do biográfico que desnuda uma vivência erótica e religiosa do mundo. A vertente lírica intimista leva a uma reflexão questionadora da existência, através de uma linguagem que alia a simplicidade da expressão à complexidade das idéias. Do simples ao complexo, a poética adeliана constrói um mosaico das experiências humanas, refletindo a ambigüidade de sua condição. A voz poética, embora sabendo-se finita e imersa na rotina do cotidiano, anseia por transcendência: *Me atordoam da mesma forma os místicos e as lojas de roupa com os preços* ('As palavras e os nomes' / *A faca no peito*); *Eu sei escrever. Escrevo cartas, bilhetes, lista de compras, composição escolar narrando o belo passeio / à fazenda de vovô que nunca existiu / porque ela era pobre como o João. / Mas escrevo também coisas inexplicáveis: quero ser feliz, isto é amarelo.* ('O alfabeto no parque' / *Terra de Santa Cruz*).

No universo poético adeliânico, a heterogeneidade do real está vinculada à busca de um sentido que restaure sua totalidade, estabelecendo assim uma ponte entre realidade objetiva e abstrata. Poética do vivido, aberta às mais diversas experiências ao nível do cotidiano, do imaginário, do sonho, poética enfim, que interroga o próprio sentido do existir. É, a partir da experiência da concretude do mundo e da linguagem, que a poesia adeliânica busca resgatar o sentido do real.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUERBACH, Eric. *Mimesis: la représentation de la réalité dans la littérature occidentale*. Paris: Gallimard, 1968.
- BARBOSA, João Alexandre. *As ilusões da modernidade*. São Paulo: Perspectiva, 1986.
- CÂNDIDO, Antônio, CASTELLO, Aderaldo. *Presença da literatura brasileira*. III-Modernismo. Rio de Janeiro: Difel, 1977.
- DULCI, Luiz. A insurgência do vivido. *Teoria e debate*, São Paulo: n.17, p.69-72, 1992.
- ISMAEL, J. C. Entrevista com Adélia Prado. *O Estado de São Paulo*. São Paulo: 30 maio 1987.
- MASSI, Augusto. O espontâneo apoiado na tradição. *Folha de São Paulo*. São Paulo: 17 maio 1987.
- OLIVIERI, Rita. *Mística e erotismo na poesia de Adélia Prado*. Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo, 358p. 1994.
- _____. *Mística e erotismo: tenso dialética na poesia de Adélia Prado*. *Taíra: revue du centre de recherche et d'études lusophones et intertropicales*. Université Stendhal-Grenoble III, n.7, p.105-113, 1995.
- PAZ, Octavio. *O arco e a lira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- PRADO, Adélia. *Bagagem*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1976.
- _____. *O coração disparado*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.
- _____. *Terra de Santa Cruz*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1980.
- _____. *O pelicano*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.
- _____. *A faca no peito*. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.